

**CAMPEONATO DE DEBATES:
A PRÁTICA DO DIÁLOGO ARGUMENTATIVO EM SALA DE AULA**

Patrícia Del Nero Velasco - UFABC

patricia.velasco@ufabc.edu.br

Leandro de Barros - UFABC

livrodeareia@yahoo.com.br

Wagner Moreira da Silva - UFABC

wagner.moreira@ufabc.edu.br

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os fundamentos teóricos e metodológicos de uma atividade de prática argumentativa realizada a partir da parceria entre uma escola particular da zona norte de São Paulo, uma escola pública estadual da cidade de Santo André e integrantes do Laboratório de Pesquisa e Ensino de Filosofia (LaPEFil) da Universidade Federal do ABC.

Afrontando o tema do VII Colóquio Internacional de Filosofia da Educação, “O que pode a escola hoje na América Latina?”, procuraremos sinalizar um caminho possível para o ensino-aprendizagem de Argumentação Lógica no Ensino Médio. A construção de argumentação consistente consta como eixo cognitivo comum a todas as áreas de conhecimento nos dispositivos legais para a etapa terminal da Educação Básica. Não obstante, ainda se tem um número bastante reduzido de materiais e iniciativas que fazem uso da argumentação como recurso didático. A experiência ora compartilhada foi desenvolvida dentro das atividades da linha do LaPEFil intitulada “Ensino de Argumentação Lógica e Ciências”, a qual tem como objetivo, dentre outros, pensar e articular conteúdos e metodologias de Argumentação Lógica e Filosofia da Ciência para a Educação Básica, desenvolvendo sugestões de aulas, atividades e materiais didáticos.

O texto que o leitor tem em mãos é composto por uma breve apresentação da chamada Lógica Informal, seguida da exposição de diferentes tipos de diálogos argumentativos e formatos de debates. A partir dos formatos existentes e tendo em vista o propósito de uso em sala de aula, criou-se um modelo didático de debate fundamentado nos aspectos pedagógicos do Diálogo Persuasivo, nos conceitos elementares de argumentação sob a perspectiva da

Lógica Informal e, igualmente, nas regras e estruturas do Debate Acadêmico. Ademais, foi criada uma sequência de ensino com o intuito de oferecer aos estudantes os subsídios teóricos necessários à realização do Campeonato de Debates. A última parte deste escrito, portanto, consiste no relato das regras, da organização e da experiência do campeonato que dá título ao trabalho.

Palavras-chave: Argumentação; Lógica Informal; Diálogo; Debate.

Abstract:

The goal of this paper is present the theories and methodologies which grounded an activity of practical argumentation which takes place in partnership between a public high school from the city of Santo Andre and a private high school from São Paulo and the research and teaching of philosophy (LaPEFil) of Federal University of ABC (UFABC).

Reaching the theme of the VII International Colloquium of Philosophy of Education: “What can the school today, in Latin America?”, we intend to show a possible path to the teaching of Logical Argumentation in the high school. The consistent argumentation construction can be found as a cognitive axis in all knowledge areas in the basic education laws, although, there is a lack of material and initiatives using argumentation as didactical means. This experience was developed inside the activities of the LaPEFil entitle: “Logical argumentation and science teaching” which has the goal, among others, to think and articulate methodologies and curriculums from logical argumentation and philosophy of science to basic education, developing class suggestions, exercises and textbooks.

This paper contains a brief presentation of the Informal Logic, followed by the description of some types of argumentative dialogues and debates formats. From the existing debates formats and having the pedagogical use as purpose, we created a didactical model of debate based on some concepts of Informal Logic and rules and structures of academic debate. Also, we created a class sequence with the theoretical fundamentals to help students with a debate contest. The last part of this paper, therefore, consists in the presentation of the rules, organization and the experience of the contest which entitled this work.

Keywords: Argumentation; Informal Logic; Dialogue; Debate.

1. Introdução

O recurso ao debate como ferramenta pedagógica em sala de aula não é exatamente uma novidade no Brasil e tem sido utilizado por professores das mais diversas disciplinas, nos

mais diferentes níveis de ensino. Atividades envolvendo debates já constam em muitos livros didáticos e alguns estudos defendem que esse tipo de exercício favorece o aprendizado, além de tornar as aulas mais dinâmicas.

O conceito de debate envolvido nas atividades supramencionadas consiste na discussão de um tema por um grupo, no qual parte deste último é a favor e a outra, contra. Não há, grosso modo, uma preocupação maior com as regras (tempo de exposição, complexidade argumentativa, etc.) ou com uma fundamentação teórico-conceitual (fazendo uso, por exemplo, da chamada Lógica Informal). O objetivo das atividades envolvendo debate costuma ser o de aprofundar um tema, o de sensibilizar os discentes para determinado assunto ou, simplesmente, o de identificar a opinião dos alunos sobre certa temática.

Ainda que o objetivo dos exercícios em questão não seja desenvolver habilidades argumentativas, ao prescindir da base teórica oferecida pela Lógica Informal, o professor depara-se com algumas dificuldades, quais sejam: como avaliar quem se saiu melhor no debate? Como saber se o aluno está de fato argumentando? Como evitar que a divergência de ideias se transforme em conflito generalizado e em agressão verbal? Como garantir que o tema proposto seja mantido durante todo o tempo? Como averiguar se há contraposições fundamentadas de ideias ou se, contrariamente, o debate caracteriza-se como mera conversa, sem qualquer aprofundamento ou diálogo efetivo entre os participantes?

A fim de evitar (ou ao menos amenizar) os problemas supracitados, o presente trabalho propõe um modelo de debate calcado em conceitos elementares da Lógica Informal. Propõe, igualmente, regras que organizam e auxiliam na avaliação da atividade. Por fim, traz um exemplo de execução do exercício proposto, de modo a ilustrar tanto os procedimentos quanto a presença dos conceitos lógicos. Espera-se que a atividade aqui intitulada “Campeonato de Debates” possa contribuir para as práticas educativas das mais diferentes áreas do conhecimento.

2. O que é Lógica Informal

A Lógica é a área da Filosofia que estuda as leis do raciocínio e, por conseguinte, os argumentos. Um dicionário especializado de Filosofia, porém, mostrará uma série de termos que podem confundir o leitor não familiarizado com a História da Filosofia: Lógica Aristotélica, Lógica Clássica, Lógica Modal etc.. A fim de evitar digressões, tomaremos a definição oferecida por Velasco (2010, p.18, grifo da autora):

A Lógica se dedica (no referente ao pensamento) aos princípios e métodos do raciocínio; igualmente, estuda (no que se refere à linguagem) os

argumentos, atentando para o encadeamento entre as sentenças de determinada língua. Dessa forma, a **Lógica** tem por objetivo as inferências e os argumentos.

Enquanto as chamadas lógicas formais fazem uso de uma linguagem simbólica próxima da matemática, a lógica dita informal se ocupa do estudo da argumentação em linguagem natural. Lida com sentenças e argumentos extraídos de situações cotidianas e não recorre à linguagem artificial (simbólica) para formalizar seus objetos de estudo.

A Lógica Informal surgiu da insatisfação com a Lógica Formal, sobretudo quanto às suas qualidades educativas. Acredita-se que através do ensino da argumentação seja possível fornecer ferramentas para que o aluno reconheça bons e maus argumentos, seja capaz de construir argumentos mais sólidos e racionais, tornando-o apto a avaliar melhor suas ideias e crenças, bem como as dos outros. A Lógica Informal, segundo Walton (2006), pertenceria assim ao campo da chamada pragmática lógica – em oposição à teoria lógica (semântica):

Na teoria lógica, um argumento não é nada mais nada menos do que um conjunto de proposições. Neste caso, importa apenas a verdade ou falsidade dessas proposições. O contexto mais amplo do diálogo não é levado em conta. Na pragmática lógica, um argumento é uma alegação que, de acordo com os procedimentos adequados do diálogo racional, deve ser pertinente à conclusão do argumentador, contribuindo para prová-la ou estabelecê-la.

A teoria lógica, então, se preocupa basicamente com as proposições que constituem o argumento. A pragmática lógica se interessa pelo uso racional dessas proposições num diálogo, tendo em vista um objetivo, como, por exemplo, construir ou refutar um raciocínio que apoie um dos lados de uma questão controversa no contexto dialógico. Ela se interessa pelo que é feito com essas proposições nesse contexto, pelo uso dado a elas para convencer o outro argumentador. A pragmática lógica é uma disciplina prática, uma arte aplicada. (WALTON, 2006, p. 2)

Assim, a Lógica Informal se ocupa com a maneira como utilizamos a argumentação no dia a dia, ao lermos jornais, livros, ao tentarmos convencer alguém, ao expor nossas ideias e ao avaliar as ideias de outros através de seus argumentos em um diálogo. Portanto, trata-se de uma disciplina prática, em oposição a um estudo somente teórico sobre a linguagem, tendo como conceitos cruciais as noções de argumento e diálogo racional:

Um problema típico da pragmática lógica é que, num dado argumento, vários fatores importantes do contexto do diálogo podem ficar obscuros, imprecisos, ambíguos e difíceis de localizar. Pode não ficar claro qual é a

verdadeira questão e até mesmo o que é o argumento. Mas antes que um argumento, ou o que parece ser um argumento, seja considerado forte ou fraco, bom ou ruim, não é uma tarefa sem importância determinar o que ele é ou parece ser. Boa parte do trabalho da pragmática lógica reside nessa fase preliminar, quando deve ficar claro o que é o argumento. (WALTON, 2006, p. 4)

Determinar o que é um argumento é importante porque embora a palavra seja muito usada, os alunos frequentemente cometem equívocos, como confundir argumentação com uma explicação ou com um simples expressar de opinião – situações que podem levar a um debate (ou discussão) bastante infrutífero(a), uma vez que ninguém está efetivamente argumentando.

Segundo Johnson (2009, p. 17, tradução nossa), um argumento pode ser definido “como um conjunto de declarações que destacam conexões entre aquelas ideias para demonstrar que porque algumas das declarações no conjunto são creditadas como verdades, outras declarações devem ser aceitas como verdade”¹. De acordo com essa definição, um argumento pode ser dividido em três partes, proposição, suporte e inferência.

A proposição (ou conclusão) é a declaração que a pessoa que está argumentando quer defender. Suporte (ou premissa) é a ideia ou conjunto de ideias aceitas como verdadeiras que servem como fundamentação da proposição. Inferência é o processo de descoberta da conexão entre o suporte e a proposição; portanto, argumentamos quando oferecemos razões em suporte de uma ideia, ou seja, premissas em favor de uma conclusão em um processo de inferência, no qual se as premissas forem (supostamente) verdadeiras, sustenta-se que a conclusão também deve ser.

Existem vários tipos de argumentos e maneiras de avaliá-los e embora definir cada um deles fuja do escopo desse trabalho, é importante destacar que particularmente em um debate competitivo – objeto do presente texto – existem, segundo Trapp (2005), três modos de argumentação, as quais são classificadas de acordo com o seu foco e objeto: descritiva, relacional e avaliativa.

A argumentação **descritiva** é focada na natureza e definição das coisas. A argumentação **relacional**, como o nome indica, preocupa-se com o relacionamento entre as

¹ É preciso apontar aqui que o “dever ser” da conclusão não consiste em uma necessidade, mas na possibilidade de embasamento da verdade da conclusão a partir da aceitação da verdade das premissas. Isto porque há argumentos cuja conclusão é provável, mas não necessária a partir das premissas. Para uma discussão mais aprofundada sobre o assunto, o leitor pode consultar o capítulo IV de Velasco (2010), intitulado “Dedução e Indução”.

coisas. Já a argumentação **avaliativa** lida com o valor ou mérito das coisas. Segundo Johnson (2009, p. 25), esses modos podem ocorrer separadamente ou ser interconectados.

A fim de exemplificar a interconexão entre os modos de argumentação supramencionados, podemos citar o debate sobre a legalização da maconha. Ao argumentar que a legalização implica em uma ação boa ou má, está se fazendo uma argumentação avaliativa. Ao se enunciar os danos causados nos usuários, faz-se uma argumentação descritiva. Por fim, ao se procurar estabelecer conexões entre o uso de maconha e a violência urbana, ou o tráfico e o crime organizado, argumenta-se de modo relacional. Estas formas de argumentação podem coexistir em um único contexto, como em um debate sobre o referido tema.

Debater envolve tentar convencer o outro ou uma plateia de nossas proposições, fundamentando o discurso com bons raciocínios e evidências. Isso só é possível no contexto de um diálogo argumentativo.

Um diálogo é uma sequência de trocas de mensagens ou atos de fala entre dois (ou mais) participantes. Tipicamente, porém, um diálogo é uma troca de perguntas e respostas entre duas partes. Cada diálogo tem um objetivo, cuja realização dependa da cooperação entre os participantes. Isso significa que cada participante tem a obrigação de trabalhar pela realização do próprio objetivo e de cooperar com o outro participante na realização do objetivo dele. Em geral, um argumento é considerado um mau argumento quando uma dessas obrigações básicas deixa de ser cumprida. (WALTON, 2006, p. 4)

O diálogo argumentativo, então, não é uma conversa desinteressada, devendo conter argumentos e respeito entre os participantes. Daí a importância de, na organização de um debate, definir regras objetivas e claras. No ambiente educacional, os alunos devem entender que mesmo que o objetivo seja convencer o outro, todos devem trabalhar em prol do diálogo, o respeito a essas regras é a principal maneira pela qual um argumento deve ser avaliado. Ademais, é importante entender que existem diversos tipos de diálogos argumentativos, cada um com suas peculiaridades, como será explorado na seção subsequente.

3. Sobre os tipos de diálogos argumentativos

Walton, em sua obra “Lógica Informal: manual de argumentação crítica” (2006, p. 13), apresenta o seguinte quadro de tipos de diálogo:

Diálogo	Situação inicial	Método	Objetivo
Altercação	Inquietação emocional	Ataque pessoal	“Atingir” o outro
Debate	Disputa forense	Vitória verbal	Impressionar a plateia.
Persuasão (discussão crítica)	Diferença de opinião.	Prova interna e externa.	Persuadir o outro.
Investigação.	Falta de prova.	Argumentação baseada em conhecimento.	Estabelecer provas.
Negociação	Diferença de interesses.	Barganha.	Obter ganho pessoal.
Procura de informação.	Falta de informação.	Questionamento.	Produzir ação.
Procura de ação.	Necessidade de ação.	Imperativos do tema.	Produzir ação.
Educacional	Ignorância	Ensino.	Transmitir conhecimento.

Tabela 1 – Tipologia de diálogos argumentativos segundo Douglas Walton

Na sequência, apresentaremos, ainda que de forma breve, cada um dos tipos indicados.

Altercação pessoal. A altercação, também chamada de falácia *ad hominem*, caracteriza-se como ataque pessoal; é o tipo de diálogo que se quer evitar em qualquer debate, quando os participantes deixam de discutir ideias e passam a agredir um ao outro. A altercação pode ser considerada como o nível mais baixo de argumento.

Debate (forense). O debate forense caracteriza-se por um ambiente regido por regras rígidas de procedimento, julgado por juízes ou uma plateia, onde o objetivo é vencer, convencendo os avaliadores. Por contar com regras e avaliadores externos, trata-se de uma forma mais razoável do que a altercação pessoal, na qual avaliadores externos, não sujeitos a ataques pessoais, julgam a compatibilidade dos argumentos com o raciocínio lógico. Mesmo assim, o debate forense ainda pode ser muito permissivo, uma vez que neste tipo de diálogo as falácias podem ser consideradas boas estratégias. Como o que importa é vencer o debate, essa modalidade não representa necessariamente bons padrões de argumento racional. Muitos professores usam esse tipo de diálogo como atividade pedagógica, em simulações de tribunal de júri, por exemplo.

Diálogo persuasivo – Discussão crítica. Nessa modalidade, dois participantes possuem uma tese (conclusão) a provar e devem fazê-lo a partir das concessões do outro, ou seja, a partir de premissas que os dois aceitem ou com as quais estão comprometidos. O método é persuadir o outro da própria tese (conclusões, pontos de vista). Segundo Walton, dois tipos de provas podem ser usados: a **interna** e a **científica externa**. A primeira é

considerada o método básico do diálogo persuasivo, em que cada participante infere uma proposição a partir das concessões do outro. Provas científicas externas, por sua vez, permitem a introdução de novos fatos através do recurso de provas científicas obtidas, externas aos pressupostos iniciais; após aceitas, estas provas passam a ser consideradas internas. No diálogo persuasivo a primeira obrigação é provar a própria tese, mas a segunda é ajudar o outro a provar a tese dele. Essa obrigação exige respostas úteis e honestas às perguntas, permitindo aos participantes extrair comprometimentos que podem ser usados como premissas. Aqui, cada participante é livre para aceitar as proposições que quiser, desde que observadas as obrigações.

Investigação. Como nas investigações policiais em que as premissas só podem ser reconhecidamente verdadeiras e são aceitas como informações confiáveis, na modalidade de debate intitulada Investigação não há previsão de quebra de compromisso: os dados obtidos vão sendo somados ao debate por todas as partes da investigação. O objetivo é acumular conhecimento e não há disputas entre as partes, mas sim, a busca de provas, ou o máximo possível de certeza que se pode ter com a evidência disponível.

Negociação. Nesta modalidade o objetivo é o ganho pessoal. Usa-se a barganha como método, tendo em vista a realização de bons negócios. Não há uma investigação objetiva em que a verdade ou a prova lógica sejam importantes. Embora exista a troca de concessões, este tipo de diálogo é essencialmente competitivo.

Procura de Informação, Procura de Ação e Diálogo Educacional. Walton (2006) ainda cita mais três tipos de diálogos: a Procura de Informação, a Procura de Ação e o Diálogo Educacional. No primeiro, o objetivo de uma parte é descobrir a informação que o outro supostamente tem (lembrando um interrogatório), procurando por contradições e informações novas. No segundo, o objetivo de uma parte é fazer com que o outro siga um tipo de ação, como chegar a uma conclusão a partir de determinadas premissas previamente fornecidas. O terceiro, por fim, caracteriza-se por uma parte (o professor) ter como objetivo transmitir conhecimento para outra (o aluno).

Segundo o autor aqui usado como referência teórica, há inúmeros outros tipos de diálogo. Cada modelo apresenta uma situação inicial diferente, bem como distintos procedimentos e objetivos diferenciados. Deve-se ressaltar, ainda segundo Walton, que alguns casos de discurso argumentativo combinam dois ou mais tipos de diálogos. O autor toma como exemplo um processo de divórcio que pode começar como uma competição para definir a guarda dos filhos, passando depois a um tipo mais persuasivo e forense.

Uma vez expostos os principais tipos de diálogo, cabe classificarmos o Campeonato de Debates aqui proposto. Uma vez que nosso modelo de campeonato consiste em dois times com o objetivo de vencer um ao outro através da melhor argumentação, avaliados por uma banca, pode-se afirmar que o **Campeonato de Debates é um tipo de diálogo persuasivo**. Este, segundo Walton (2006, p. 12), é o tipo mais significativo, pois “representa um modelo ideal, ou normativo, de bom diálogo porque tem regras normativas que, tomadas em conjunto, estabelecem um padrão que define como deve ser um bom dialogo persuasivo”.

O diálogo persuasivo, modelo adotado neste trabalho, pode ser classificado como Assimétrico ou Simétrico. É considerado do primeiro tipo se os participantes possuem tipos diferentes de obrigações (por exemplo, se um tenta convencer e o outro pode apenas levantar dúvidas; assim, apenas um tem o ônus da prova). Nesse diálogo as obrigações são fracamente opostas. O diálogo persuasivo é simétrico, por outro lado, se os participantes possuem uma mesma obrigação: convencer o outro. Nesse caso os dois têm o ônus da prova, sendo as obrigações fortemente opostas.

O Campeonato de Debates da maneira como organizamos se insere no tipo simétrico, visto que os dois grupos envolvidos na atividade têm a obrigação de argumentar e contra argumentar para vencer o debate.

4. Sobre os formatos de debates

Nossa proposta de Campeonato de Debates é livremente inspirada nos modelos de competições de debates que ocorrem nos Estados Unidos. Diferente do Brasil, onde séculos de estruturas autoritárias desencorajaram esse tipo de atividade (quando não a proibiram explicitamente), aquele país possui uma longa tradição de debates em escolas e universidades:

Debates têm sido desde sempre parte da cena educacional americana. Debates floresceram nos estabelecimentos de ensino coloniais, disputas eram parte do currículo, e debates eram com frequência parte das cerimônias de formatura. Quase todos os líderes da Revolução Americana e antigo período nacional eram hábeis debatedores que estudaram argumentação nos estabelecimentos de ensino coloniais ou em “sociedades” comunitárias de debates, “liceus” e “clubes” que floresceram através do século. (FREELEY; STEINBERG, 2008, p. 25, tradução nossa)

A argumentação e o debate estariam no berço da democracia americana e ainda gozam de muito prestígio nos EUA, principalmente entre estudantes universitários. Segundo Freeley e Steinberg (2008), campeonatos entre universidades ocorriam já na década de 30 e

atualmente existem várias instituições que promovem debates regularmente, o que demonstra o quanto essa atividade é vista como importante por aquela sociedade. Trata-se, quiçá, de um bom exemplo para as nossas instituições de ensino, cujas iniciativas neste sentido são ínfimas.

Além de poder definir de uma maneira geral um debate como um diálogo racional simétrico entre duas ou mais partes, tendo como objetivo convencer o outro, uma plateia ou júri através de argumentos, segundo Freeley e Steinberg (2008), debates podem ser classificados em duas categorias amplas: aplicados e educacionais.

Os **Debates Aplicados** são conduzidos em cima de proposições, tópicos e questões no qual o argumentador tem especial interesse e o debate é apresentado perante um juiz ou júri com poder de decisão; pode, assim, ser classificado em especial, judicial, parlamentar e não formal. Vejamos cada um destes, ainda que de modo breve.

Debates Especiais ocorrem com regras criadas especialmente para algumas situações, como debates presidenciais na televisão. **Debates Judiciais** ocorrem em cortes perante um juiz e/ou júri; o objetivo é debater a culpa ou inocência de um réu e ocorrem em todos os países onde o réu tem direito à defesa. **Debates Parlamentares** ocorrem sob as regras de procedimento de um parlamento; o objetivo é discutir projetos de lei e resoluções que competem ao parlamento e, desta forma, ocorrem em assembleias legislativas. **Debates Não Formais**, por sua vez, são aqueles sem regras formais (encontradas nos outros formatos), debates de opinião pública (como aqueles promovidos por programas de televisão, rádio ou sites na internet) sobre clonagem, pena de morte, aborto, entre outros.

Os **Debates Educacionais**, também chamados de **Debates Acadêmicos**, são adaptações dos debates aplicados, realizados no contexto educacional. Os participantes têm interesses educacionais e são apresentados diante de um professor, juiz ou plateia. Sob a direção de uma instituição educacional, o objetivo é prover oportunidades acadêmicas aos participantes e tornar os estudantes efetivos em debates e argumentação, habilidades que cedo ou tarde irão utilizar em suas vidas e carreiras. Os Campeonatos de Debates fazem parte dessa categoria e possuem vários formatos, os quais têm como elementos comuns o fato de que ambos os lados devem ter o mesmo número de participantes; ambos os lados devem ter o mesmo tempo para falar; os representantes da declaração afirmativa começam e falam por último.

A seguir elencamos alguns dos tipos mais comuns de formatos de debates acadêmicos que ocorrem nos Estados Unidos, de acordo com Freeley e Steinberg (2008).

Debates de Contra Interrogação (Cross-Examination Debate Association). Os Debates de Contra Interrogação são os mais usados em competições universitárias com times que costumam ter dois participantes cada. Estes debates têm resoluções que não estão relacionadas com a política, mas com valores. Em outras palavras, envolvem discussões ético/morais.

Debate Lincoln-Douglas (Lincoln-Douglas). Os Debates Lincoln-Douglas foram inspirados pelos debates entre os candidatos ao senado dos E.U.A. Abraham Lincoln e Stephen A., na década de 1850. Eles são debates simples de um contra um.

Simulação de Tribunal (Mock Trial). Esse tipo difere dos demais debates competitivos por ser uma simulação de um julgamento civil ou criminal: os debatedores são apresentados a um caso e devem, a partir das evidências, representar o papel de advogado de defesa ou promotor. Há uma forte ênfase na argumentação e interrogação, sendo comuns em cursos de Direito.

Debate Parlamentar (Parliamentary Debate). Estes debates são conhecidos como parlamentares por emularem as discussões de um parlamento, com discussões eminentemente políticas. São debates muito populares, contando com torneios nacionais por equipes nos Estados Unidos e, até mesmo, em torneios mundiais.

Há uma profusão de modelos e regras pré-estabelecidas de debates, o que não impede a criação por parte do educador de novos modelos, pois com exceção de algumas poucas regras que caracterizam um Campeonato de Debates, o conceito é essencialmente fluído.

É a subjetividade do debate que a faz uma atividade tão rica e valorosa. Em um debate as poucas regras da competição estão relacionadas com o esforço de persuasão dos participantes, diferente de outras competições, debates têm poucas regras fixas, ordem dos debatedores e limites de tempo são bons exemplos de regras que existem em um debate acadêmico, essas regras existentes devem estabelecer como cada partida será administrada.

Regras substanciais – ou seja, estabelecendo o conteúdo dos debates – são virtualmente não existentes. (JOHNSON, 2009, p. 14, tradução nossa)

Portanto, nosso modelo de campeonato é uma adaptação dos modelos supracitados para o contexto das escolas brasileiras de Ensino Médio, mantendo regras básicas, como a competição por equipes, o julgamento por uma banca, o tempo e a ordem estipulados, assim como os temas previamente estabelecidos. Estes últimos podem ser questões científicas, políticas, éticas, etc..

5. O modelo didático do debate para o Campeonato

Para confrontar nossas hipóteses teóricas com situações empíricas adequadas ao contexto do Ensino Médio brasileiro, elaboramos um modelo didático do debate considerando três dimensões fundamentais para a mediação deste gênero discursivo no âmbito escolar:

1. Aspectos pedagógicos do Diálogo Persuasivo;
2. Conceitos básicos de argumentação na perspectiva da Lógica Informal;
3. Regras e estrutura do Debate Acadêmico.

Após uma série de experiências com debates escolares com este viés (Antonio; Barros; Lima; Nomura; Velasco, 2013 e Silva; Zanutello, 2013), procuramos organizar uma Sequência de Ensino que pudesse fornecer aos estudantes subsídios mínimos sobre o debate antes que o campeonato ocorresse.

Era preciso que os futuros debatedores compreendessem o que é um bom argumento, quais os elementos fundantes da lógica argumentativa informal e de que maneira se comportar em um debate no seu nível escolar. Dado a possibilidade de estabelecer relação entre os seus conhecimentos prévios e as informações externas à escola sobre um determinado tema, também era necessário orientar esses alunos sobre como gerenciar os tipos de prova, como evidenciar as informações de pesquisa em discussões críticas e como construir argumentos a partir dessas informações.

No que diz respeito aos conceitos sobre a Lógica Informal, tínhamos a preocupação de chamar a atenção dos alunos sobre o compromisso com as premissas na construção de um argumento. O que significa inferir? O que é um argumento dedutivo ou indutivo? Quais são os argumentos válidos ou inválidos? De que maneira se podem encadear raciocínios para evidenciar conclusões argumentativas?

Algumas de nossas experiências anteriores com debates escolares do tipo simétrico (acima mencionadas) evidenciam a necessidade de um bom gerenciamento do professor para a escolha do tema. Para garantir que o tema proposto seja mantido durante o debate, os alunos devem efetivamente participar da escolha deste tema e compreender a controvérsia que nele está inserida. Desse modo, houve também uma preocupação com o próprio processo colaborativo entre as duas escolas envolvidas no projeto, que interagem por meio de uma rede social para a troca de ideias durante todo processo de elaboração do campeonato, a fim de afinar os interesses.

Por fim, concentrou-se a atenção nas regras do debate, que para os nossos objetivos limitaram-se na definição de oito elementos: número de aulas que cada time deveria ter antes

do campeonato; conteúdo das aulas antes do campeonato; número de participantes em cada time; escolha do tema em fórum online; número de juízes na bancada avaliadora; critérios para a pontuação dos argumentos durante o debate; número de rodadas por disputa; sorteio de chaves com os pares de times adversários.

Além das aulas semanais em cada escola e do próprio desenvolvimento do Campeonato de Debates, a Sequência de Ensino que avaliamos contou com um Workshop em um ambiente fora da escola com um terceiro professor. Esperávamos com isso colocar os alunos em contato com o modelo de debates que se pretendia para o campeonato. Essa experiência, bem como a sequência de aulas que antecederam o Campeonato de Debates será descrita a seguir.

6. A experiência do Campeonato de Debates

O campeonato se desenvolveu entre duas escolas localizadas em cidades diferentes. Os alunos da escola “A” estudam na rede particular de ensino na zona norte de São Paulo. Já os alunos da escola “B” estudam na rede pública estadual na cidade de Santo André.

Durante todo o processo tivemos a participação de 20 adolescentes, entre 16 e 19 anos de idade. Como a proposta para a participação no Campeonato de Debates foi voluntária, contamos com alunos do segundo e do terceiro ano do Ensino Médio. Esses alunos participaram de oito aulas, cada turma na sua própria escola, e uma atividade em conjunto, que se desenvolveu em um Workshop na Universidade Federal do ABC, antes do campeonato.

O formato das aulas no qual os alunos de cada escola participaram também se diferenciou. Enquanto os alunos da escola B desenvolveram o conteúdo programático durante as aulas regulares de Filosofia, os alunos da escola A desenvolveram o conteúdo sobre o debate em formato de Oficina de Aprendizagem, fora do horário de aula. No entanto, a carga horária e a periodicidade dos encontros nas respectivas escolas eram iguais, a saber, uma vez por semana.

A partir das reuniões em nosso grupo de estudos LaPEFil (Laboratório de Pesquisa e Ensino de Filosofia)², optamos por desenvolver com os alunos a seguinte Sequência de Ensino:

Aula	Atividade	Mapa conceitual
-------------	------------------	------------------------

² O Laboratório de Pesquisa e Ensino de Filosofia (LaPEFil) tem como objetivo investigar o Ensino de Filosofia a partir da perspectiva filosófica. Neste sentido, abarca pesquisas que problematizam filosoficamente a práxis docente e tomam o ensino-aprendizagem como momento de produção filosófica.

1	Introdução ao Pensamento Crítico	O que é pensar criticamente? Qual a diferença entre valor e qualidade das crenças?
2	Condições da Argumentação	O que é necessário para que um debate ocorra? Como o debate se consolidou historicamente dentro e fora do Brasil?
3	Conceitos de Lógica Básica	O que é contradição? O que é uma controvérsia científica? Princípios de identidade e terceiro excluído.
4	Inferir e Inferências	O que é dedução, indução e inferência?
5	Filmagem da 1º Simulação de Debates na Escola	As noções de argumento, subargumento, argumento complexo, premissa, conclusão, sentença declarativa e proposição.
6	Feedback do 1º Debate: Análise da Filmagem com os Alunos	O que é premissa? Qual é o significado da conclusão de um argumento?
7	Julgando Argumentos	O que são argumentos inválidos? E válidos? Qual a diferença entre persuasão, demonstração, argumentação e convencimento?
8	O Ensino das Falácias	O que são falácias e como utilizá-las em um debate.
Workshop sobre Lógica Informal na UFABC com os alunos das duas escolas		Inferência; premissa; conclusão; argumento; dedução; indução; argumentos válidos, inválidos, fortes e fracos.

Tabela 2 – Programação de conteúdos da Sequência de Ensino antes do Campeonato de Debates.

Cada uma dessas aulas foi cuidadosamente discutida em conjunto pelos pesquisadores deste estudo. Ao longo do desenvolvimento da Sequência de Ensino, diversas atividades e dinâmicas pedagógicas foram organizadas³, o que nos ampliou a percepção da maneira pela qual o campeonato poderia ser mediado. Podemos destacar, por exemplo, a atividade desenvolvida na aula seis (cf. Tabela 2), na qual cada aluno teve a oportunidade de analisar seu próprio comportamento durante uma atividade discursiva. A partir do registro em vídeo de um debate desenvolvido na aula anterior, importantes questões sobre os aspectos argumentativos dos estudantes foram colocadas em pauta. Em um ambiente colaborativo com seus colegas, os alunos comentaram sobre o respeito com as diferentes maneiras de pensar, a autoconfiança ao expor uma ideia para defesa de pontos de vista e também o cuidado com o julgamento na avaliação de uma declaração. Essa atividade foi fundamental para decidirmos a quantidade de alunos que cada time do debate deveria possuir.

³ Para acesso aos slides das aulas ou a descrição detalhada de cada uma das dinâmicas utilizadas em nossa Sequência de Ensino enviem-nos um e-mail para o endereço: estudos.lapefil@gmail.com

Após diversas tentativas de organizar o debate em sala de aula (Lincoln-Douglas, Cross-Examination e Mock Trial) percebeu-se que as disputas em grupos com quatro alunos demonstram-se as mais eficientes para o aparecimento de bons argumentos. O próximo passo foi alinhar quais os temas de interesse dos alunos de ambas as escolas.

Optou-se por abrir uma enquete online na qual todos os envolvidos com o projeto pudessem sugerir temas. O resultado da votação é apresentado a seguir:

Lista dos temas para o torneio de debates Interescolar:	Quantidade de Votos
A fé religiosa atrapalha o desenvolvimento científico?	7
O movimento contra o uso de animais em pesquisas científicas	5
aborto até o terceiro mês de gestação?	5
A ciência poderá um dia explicar cada aspecto da natureza.	4
Voto obrigatório ou voto democrático livre na constituição brasileira?	4
Redução da maioria penal?	4
Legalização da Maconha	4
O público e o Privado. A lei de cotas.	3
O jeitinho brasileiro, atraso social ou identificação cultural?	3
Internação Involuntária para o tratamento da drogadição?	3
A questão do desarmamento	3
Pena de Morte	3

Tabela 3 - Resultado da votação dos temas para o debate

Dado a quantidade de alunos, determinamos que o campeonato fosse efetuado com base nos três temas mais votados. Assim, cada escola organizou dois times, que tinham o prazo de uma semana para coletar informações sobre os temas e se preparem para a execução do debate na UFABC, em um único dia. Restava determinar os critérios para avaliar os argumentos durante o desenvolvimento do debate e a sequência das disputas entre as duas escolas.

Determinamos que o debate fosse avaliado por três juízes, que não seriam os professores envolvidos no processo com as aulas da Sequência de Ensino. Cada um desses juízes ficou incumbido de avaliar características diferentes dos alunos durante o debate.

1º Juiz: responsável pela avaliação das características dedutivas e indutivas dos argumentos. Ficou encarregado de pontuar os argumentos de acordo com os seguintes critérios:

Julgamento do Argumento Dedutivo	
Cada argumento válido.	8 pontos

Cada premissa de um argumento complexo.	1 ponto
Cada falácia dedutiva.	1 ponto

Julgamento do Argumento Indutivo	
Uso de fontes e pesquisas.	5 pontos
Apresentação de evidências reais do cotidiano.	3 pontos
Para cada falácia indutiva.	1 ponto

2º Juiz: responsável pela avaliação do que intitulamos de “Empatia Argumentativa”: a consideração do argumento alheio; seus valores e falhas para a construção do contra argumento, seguindo a seguinte tabela de pontuação:

Identificação de erros na argumentação alheia.	7 pontos
Simple consideração do discurso alheio.	3 pontos

3º Juiz: responsável por todas as penalidades durante o debate. Atentou ao argumento inválido, à falta de coerência, ao respeito ao tempo durante a fala e à postura durante o debate: vocabulário, respeito e ética com os adversários.

Postura.	5 pontos
Coerência (argumentos inválidos).	3 pontos
Pontualidade (respeito ao tempo).	2 pontos

Houve a preocupação se um sistema com tamanha quantidade de detalhes seria possível, considerando a rapidez com que cada fala é produzida durante o debate. Dessa forma, determinamos algumas regras para que déssemos conta de registrar os argumentos para a análise:

- 1) Uma rodada do debate só se encerra quando todos os integrantes do time falam;
- 2) Cada rodada é composta por quatro argumentos de cada time;
- 3) Além do pronunciamento para o auditório, é necessário registrar o argumento por escrito e entregá-lo ao 1º Juiz;
- 4) Tanto o pronunciamento quanto a escrita devem ser elaborados durante o debate, respeitando o tempo limite de 2 minutos para cada debatedor;
- 5) O desrespeito ao tempo, às normas de postura e à coerência argumentativa estão sujeitos à penalidade;

6) Concluída a primeira rodada (quando todos os integrantes dos dois times argumentarem) é feita uma pausa de cinco minutos para organização dos juízes;

7) Cada debate é composto por apenas duas rodadas, sendo que a segunda possui o dobro de pontos da primeira.

Além das anotações dos juízes, efetuamos o registro em vídeo dos três debates ocorridos no campeonato. A partir da análise das imagens, foi feita uma edição do material, na qual se procurou evidenciar as estruturas argumentativas de cada momento do diálogo. O vídeo editado será divulgado na seção de comunicações do VII Colóquio Internacional de Filosofia da Educação.

A fim de que o leitor tenha uma ideia prévia da análise estrutural argumentativa supramencionada, tomaremos dois argumentos utilizados durante o Campeonato de Debates. O tema em voga nessa rodada dizia respeito à religião atrapalhar ou não o desenvolvimento científico.

O primeiro deles, da escola B, foi assim comunicado dentro dos dois minutos permitidos: “Muitos religiosos do passado foram grandes cientistas. Um dos casos mais conhecidos é o de Isaac Newton: na fazenda onde morava, o jovem e brilhante estudante realizou criações que mudaram o rumo da ciência, como o teorema binominal, a lei de gravitação e a teoria da natureza das cores. Assim, invalida-se o ‘fato’ de que a religião atrapalha a ciência.” No material construído com finalidade didática, após a cena da estudante da escola B, um quadro com a seguinte estrutura é mostrado:

- P₁.** Muitos religiosos do passado foram grandes cientistas.
- P₂.** Isaac Newton é um exemplo disso: religioso, realizou grandes criações que mudaram o rumo da ciência (como o teorema binominal, a lei de gravitação e a teoria da natureza das cores).
- C.** Não é verdade que a religião atrapalha o desenvolvimento da ciência.

O segundo argumento aqui estruturado foi proferido pela escola A: “A ciência conseguiu desenvolver curas para várias doenças, descobriu o DNA e levou o homem à lua. E a religião? Trouxe Guerra Santa e intolerância. Cientistas foram ameaçados de morte em vários momentos da história por conta da intolerância religiosa. Será que isso não tem influência no desenvolvimento da ciência? Lógico que sim! Isso retardou a ciência. A fé religiosa influenciou a ciência, fazendo mal para esta.” Estruturalmente, temos:

- P₁.** A ciência conseguiu desenvolver curas para várias doenças, descobriu o DNA e levou o homem à lua.
- P₂.** A religião trouxe Guerra Santa e intolerância.

- P₃.** Cientistas foram ameaçados de morte em vários momentos da história por conta da intolerância religiosa.
- P₄.** A intolerância religiosa retardou a ciência.
- C.** É verdade que a religião atrapalha o desenvolvimento da ciência.

Além da exposição da estrutura argumentativa, o vídeo tem o objetivo de reiterar alguns conceitos estudados em sala de aula, previamente ao debate, como a noção de argumento complexo (e suas correlatas): no segundo argumento acima estruturado, a premissa 4 é uma conclusão intermediária, pois é inferida das premissas básicas 1, 2 e 3 e, concomitantemente, serve de pressuposto para a conclusão final. Assim, temos que P₁, P₂, P₃ e P₄ constituem um subargumento do argumento complexo constituído por P₁, P₂, P₃, P₄ e C. Desta forma, pretende-se que a edição supracitada possa contribuir para o ensino-aprendizagem de temas-chave de Lógica Informal relacionados à prática argumentativa.

7. Considerações finais

A avaliação do Campeonato de Debates, feita por todos os participantes – estudantes do Ensino Médio e pesquisadores do LaPEFil –, foi extremamente positiva. Embora tenha se constatado que os argumentos utilizados continham estruturas bastante simples, notou-se que houve uma preocupação em dialogar com o grupo oponente, atentando aos argumentos alheios para oferecer contra-argumentos; manteve-se o respeito com as ideias em voga (e defende-se que a escolha de temáticas sócio-científicas⁴ contribuiu neste aspecto); fez pouco uso de falácias (embora fossem permitidas⁵) e reconheceu-se que os jurados seguiram as regras estabelecidas, sendo justos ao sentenciarem o resultado final.

Ademais, a preparação que antecedeu o debate (a Sequência Didática e o Workshop na Universidade) foi considerada como fundamental tanto para que os estudantes entendessem os conteúdos lógico-argumentativos pretendidos com a atividade, como para que a natureza competitiva do debate fosse compreendida como parte da argumentação racional:

⁴ Dentre os doze temas sugeridos para o debate (Tabela 3) as opções mais votadas foram justamente as que envolviam problemáticas científicas que não apresentam uma solução definitiva e satisfatória do ponto de vista moral, as chamadas questões sócio-científicas. Para mais informações sobre o tema recomendamos a leitura dos trabalhos de Troy D. Sadler e Dana I. Zeidler (cf. ZEIDLER; SADLER; SIMMONS; HOWES, 2005).

⁵ Nos mais diferentes cenários (educacional, político, social, publicitário etc.) deparamo-nos com falácias; o Campeonato de Debates é uma oportunidade de prepararmos-nos para identificar os argumentos falhos. Seja para evitar sermos ludibriados por eles no discurso cotidiano, seja para que (embora não desejável) possamos utilizá-los com alguma propriedade.

Numa disputa a respeito de uma questão controversa, onde a convicção racional é o máximo que se pode esperar, o argumento é avaliado com base no fato de poder ou não ser refutado por argumentos contrários num diálogo racional. Assim, o aspecto competitivo do diálogo racional é, ou pelo menos pode ser, uma parte importante daquilo que o torna racional. (WALTON, 2006, p.33)

Neste sentido, o caráter de disputa subjacente à proposta não contraria a máxima pedagógica de mediação em prol da construção coletiva de conhecimentos. No Campeonato de Debates, não se valoriza a vitória sobrepondo-a à argumentação e cuida-se para que haja respeito às ideias alheias. A competição acaba se tornando, tão somente, uma aliada da motivação pretendida em sala de aula.

8. Referências bibliográficas

ANTONIO, L. R.; BARROS, L.; LIMA, L. D.; NOMURA, M. T.; VELASCO, P. D. N. Filosofia e Argumentação Lógica: a Experiência do Campeonato de Debates. In: SILVA, M. P.; ALVIM, M. H.; COSTA, L. C. (Org.). *A Formação docente em contexto colaborativo no PIBID/UFABC*. São Paulo: Paco Editorial, 2013, p. 69-75.

CRISTOVÃO, V.; DURÃO, A.; NASCIMENTO, E. Debate em Sala de Aula: práticas de linguagem em um gênero escolar. In: *Anais do 5º Encontro do Celsul*, Curitiba-PR, 2003.

FREELEY, A. J.; STEINBERG, D. L. *Argumentation and Debate: Critical Thinking for Reasoned Decision Making*. 12th ed. Belmont, CA: Wadsworth Cengage Learning, 2008.

JOHNSON, S. L. *Winning Debates: a guide to debating in the style of the world universities debating championships*. New York: International Debate Education Association, 2009.

SILVA, W. M.; ZANOTELLO, M. A corrida espacial em debate: uma análise de competências e habilidades no ensino de física. In: *IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*. Águas de Lindóia, Atas do IX ENPEC, 2013. v. 1. p. 1-8.

TRAPP, R.; DRISCOLL, W. *Discovering the world through debate: A practical guide to educational debate for debaters, coaches and judges*. 3rd ed. New York: International Debate Education Association, 2005.

VELASCO, P. D. N. *Educando para a argumentação: contribuições do ensino da lógica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. – (Coleção Ensino de Filosofia)

WALTON, D. N. *Lógica informal: manual de argumentação crítica*. Tradução de Ana Lúcia R. Franco e Carlos A. L. Salum. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ZEIDLER, D. L.; SADLER, T. D.; SIMMONS, M. L.; HOWES, E. V. Beyond STS: A research-based framework for socioscientific issues education. *Science Education*, v. 89, n. 3, 2005, p. 357–377.